

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

DEFESA NACIONAL

Se ela é necessária não o é menos a defesa dos interesses do Povo e sem esta será inexecutável aquela.

O LUSITANO assim o entende e assim o manifestou como abaixo se verá.

O que urge fazer. E' ao exército que cumpre reabilitar o país.

«Tendo sido nomeada entre os oficiais deste regimento uma comissão para levar a efeito a obra alevantada e patriótica da propaganda entre o povo deste concelho para a defesa nacional, cooperando assim nos esforços feitos pela grande comissão central organizada em Lisboa para o mesmo fim, venho rogar a V... se digno prestar à referida comissão o valioso auxilio que lhe advirá da intensa propaganda desta obra no jornal da sua digna direcção.

Saude e Fraternidade.

Quartel em Guimarães, 15 de Novembro de 1912.

...Sr. Director do jornal «O Lusitano».

Guimarães.

O comandante interino,
José Gaspar de Castro Silva Soto-Maior
major de inf.º n.º 20º

Ex.º Sr.

Desempenhando-me do mandato que me foi confiado pela empresa do jornal «O Lusitano» de tomar a meu cargo a propaganda solicitada no honroso officio por V. Ex.ª enviado, em 15 do corrente, ao respectivo director, — principio por apresentar a V. Ex.ª e aos illustres officiais desse regimento, que constituem a comissão de propaganda para a defesa nacional, os meus respeitosos cumprimentos e as minhas sinceras felicitações pela brilhante iniciativa que tomaram, e a todos peço licença para apresentar algumas considerações que, neste momento, me parecem oportunas visto que o nosso querido país, este adorado rincão onde nascemos e onde temos alimentado as mais doiradas esperanças de o vermos elevado ao apogeu de grandesa onde, sábios e heróicos antepassados, o guindaram e de que uma politica de ambições e de ódios, desencadeada sobre elle desde há anos, o tem desviado, vai atra-

vessando um dos periodos mais agudos da sua moderna história.

Ex.º Sr.

E' muito para reflexão o estado em que se encontra a alma portugueza, e se bem que ainda há dias o senhor presidente de ministros, cometendo o êrro deplorável dos seus antecessores e de todos os politicos dominantes, de avaliarem o país por uma determinada população das principais cidades, declarou no parlamento que o povo está absolutamente integrado na república, o facto é que tal caso não se dá e o povo não está com ela identificado nem se identificará enquanto que se não adoptarem medidas que urge se ponham em prática para a pacificação e para a tranquillidade dos espiritos.

Quem tal declaração faz, de maneira tam solemne, ou não quer ver as coisas tais quais elas são, ou é vilmente enganado pelos seus informadores; e se o senhor presidente de ministros se desse ao incómodo de descer até às provincias e entrar nos palacetes dos opulentos negociantes, proprietários e capitalistas, nas casas dos medianos e nas choupanas dos lavradores caseiros, dos jornaleiros e dos operários, havia fatalmente de reconhecer que as suas palavras eram ôcas de fundamento e que o povo, na sua enorme maior parte, não está integrado na república.

Bem sei, Ex.º Sr., que é doloroso para quem de há muitos anos vem alimentando, com carinhosa esperança, em seu espirito o ideal republicano, ter de chegar, a dois anos

do novo regimen, a esta conclusão; mas os factos assim o afirmam e é necessário que todos nos revistamos da necessária coragem para os aceitar-mos tais quais elles são e para procurarmos transformá-los de maneira a grangearmos adeptos e nunca a crearmos mais ódios em volta da república.

A enorme maioria do povo portuguez vê na república, não o resultado evolutivo de uma necessidade de vida moderna, mas a sequencia ilógica do emprêgo da força contra o direito, e a essa compreensão o levou o desastrado uso que vários elementos civis tem feito da sua pretensa qualidade de vencedores, quando de facto, para bem da boa organização social, nunca deveriam ter existido vencedores nem vencidos mas sim irmãos, filhos da mesma pátria, e o péssimo caminho por que alguns dos elementos preponderantes da politica tem enveredado, fomentando a desordem e a anarquia no seio da familia portugueza e consentindo que se praticassem os actos deprimentes que todos nós vimos de observar.

E' forçoso reconhecer estas verdades que, embora amargas, são a realidade do que se passa, e reconhecer também, hoje que se fala em defesa nacional e na aquisição dos fundos necessários para compra de material, que, por um insondável capricho do Destino, é do lado dessa enorme maioria do povo portuguez que se encontram as melhores fortunas, amontoadas em consideráveis sommas de capitais e em inumeráveis e importantes propriedades que consti-

tuem a riqueza própria do nosso país.

Nestas condições, e em face dos ares de desconfiança que se notam em todos os rostos por essas terras fora, creio não me enganar dizendo que serão inúteis todos os esforços que se empreguem junto do povo a que me venho referindo, e coisa mais urgente cumpriria ao exército fazer se este, no legitimo desempenho da sua nobilissima missão, quisesse tomar sobre si uma iniciativa mais alevantada e mais patriótica do que a que actualmente está pondo em prática, em seguida à qual esta resultaria de mais seguros e palpáveis efeitos.

E' no exército ainda que o povo tem os olhos fixos e é nele que deposita uns restos que tem de esperança de que milhores dias sobrevirão para este país tam abalado por fortes tempestades de mau senso e tam ameaçado de maiores e mais horrorosas calamidades.

E' para elle que o povo inutilmente tem apelado em clamores surdos que não encontraram, até hoje, êco nas casernas dos quartéis e é elle que, inevitavelmente, tem de tomar sobre si a obra grandiosa da integração do povo na república fazendo esta compatível com os seus ideais de liberdade e de justiça.

Urge, Ex.º Sr., levantar o povo do indiferentismo em que se lançou para todas as coisas que digam respeito à nossa vida nacional.

Urge chamá-lo a cooperar no rejuvenescimento desta pátria apodrecida, mas permita-me V. Ex.ª e os illustres membros da comissão que lhes diga que não é pe-

dindo-lhe dinheiro que esse chamamento se faz, porque, em face do estado em que elle se encontra, da desconfiança que o avassalou, dos factos a que tem assistido dos quais nós somos testemunhas presenciais, é necessário dar-lhe aquilo que de direito lhe pertence antes de lhe pedirmos o que elle, só por patriotismo, por vontade, ou até mesmo por delicadeza, não nos deverá recusar.

O que ao povo se tem coarctado, os desmandos que, sob uma falsa doutrina democrática, se tem cometido de norte a sul do país, representa não só o mais grave atropello às liberdades consignadas na constituição politica da república, mas ainda a ruína, em parte, do comércio, da industria e da agricultura.

O povo, sobrecarregado com contribuições agravadas e com outras mil pequenas coisas que isoladas nada serão, mas reunidas constituem um pesadelo enorme, está em uma expectativa pacifica mas imóvel medindo, com cuidadosa precaução, os acontecimentos que se vão desenrolando, e só estes, sofrendo uma transmutação que redunde em seu beneficio, poderão resolvê-lo a cooperar na patriótica obra da defesa nacional.

Essa transmutação, Ex.º Sr., seria fácil de levar a cabo desde que um encendido amor nacional e uma decidida boa vontade animasse os homens que, fitando os olhos na pátria e tomando como divisa a imparcialidade e a justiça, tomassem sobre seus ombros tal encargo.

Com ela cessariam muitos males que já exis-

tem e outros que podem vir a dar-se, os capitais deixariam de retrair-se como ora se retraem, o comércio, a indústria e a agricultura seriam mais felizes e a emigração, esse medonho fantasma da derrocada nacional, diminuiria as proporções aterradoras que nestes últimos tempos tem tomado.

V. Ex.^a não ignora que uma das causas principais, se não a principal, porque o povo se acha afastado da república, foi a odienta e antipatriótica campanha que, após a sua implantação, se travou contra os então chamados, por escárnio, adesivos.

Todos nós presenciamos como vários indivíduos, conformando-se com os acontecimentos, ofereceram lialmente, na melhor das intenções patrióticas, os seus serviços à república e os homens desta, sem se lembrarem que também aqui haviam caracteres da ténpera do visconde de Rio Branco, cuja morte a República Brasileira há pouco chorou copiosamente por que nele perdeu um dos seus homens de mais valor, não obstante no tempo do Império ter sido um dos mais devotados palacianos, escorraçaram quem se esquecia do passado e das suas convicções, para só se lembrarem da pátria que, mais do que nunca, carecia do auxílio e do amor de todos os portugueses, e apontaram-os como entes nocivos à plebe ignara que, sempre má, sempre arruaceira, os troçou e os correu.

O resultado foi o que não podia deixar de ser — cada escorraçado um indiferente ou um inimigo da república.

Outra das principais causas também foi a irreflexão com que se promulgou a lei da Separação da Igreja do Estado, a guerra acintosa que vários elementos moveram contra os católicos e a obstinação que tem havido em perturbar e impedir todos os actos de carácter religioso que se pretendam realizar, as arruaças que se consentem, os atentados que ficam impunes e antes são louvados por determinada imprensa.

O povo português, na sua imensa maioria católico, ama as suas velhas tradições e as suas crenças que foram as de seus avós, sendo, além disso, à luz delas que Portugal foi grande em tempos idos, e não pode coadunar-se com a perseguição tenaz e meditada que se vem fazendo à Igreja, e

daí o seu completo afastamento.

E' absolutamente indispensável extirpar estes cancores venenosos que vão minando a sociedade portuguesa e são indubitavelmente esses uns dos primeiros grandes males a remediar.

A república não é incompatível com a Igreja. Grandes repúblicas, bem mais ilustradas e bem mais independentes do que a nossa, tem por ela grande simpatia e consideram-na como um dos mais preciosos elementos da sua vitalidade.

Em Portugal houve alguém que, divorciando-se dela, pretendeu derrubá-la e não fez mais do que crear em cada católico um inimigo da república, quando, afinal, a prática nos demonstra que no pé em que estão os interesses do país, este, sem ela não poderá subsistir.

Já não é raro, Ex.^{mo} Sr., ouvir-se por ai falar, ainda que muito vagamente e sem os menores visos de fundamento, em uma administração estrangeira. Alguns jornais tem mesmo publicado a esse respeito notícias alarmantes.

Em outros tempos em que na alma portuguesa reinasse a satisfação e o entusiasmo nacional, tais boatos seriam o bastante para levantarem os mais veementes brados de indignação contra aqueles que quisessem intrometer-se na nossa vida comum, e seriam como que o facho que viria atear o fogo dos corações lusitanos fazendo de cada português um soldado e de cada soldado um herói.

Hoje, é uma desoladora tristeza!

Fala-se nisso com uma indiferença que nos deixa estarecidos e quasi acreditamos que ela é ardentemente desejada.

Está nesta desgraçada contingência a alma portuguesa.

À parte um número consideravelmente pequeno de portugueses que dão sinais de vida, para nossa infelicidade, bem pouco útil ao país e até a maior parte bem prejudicial, o resto está imerso em um sono cataleptico que assusta, em um indiferentismo que faz sugerir os mais funestos presentimentos.

Em tais circunstâncias parece-me que serão baldadas todas as tentativas para arranjar dinheiro.

Não me admirarei se amanhã me acercar dum cidadão qualquer e, dizendo-lhe que é preciso que concorra para a defesa nacional, este me responda:

— *E é a república que me vem pedir dinheiro?*

¿ A república que eu quis servir com todo o desinteresse por que, servindo-a, servia a minha pátria, e que, como se eu fosse algum malfeitor, me apontou com toda a soberania a porta da rua e açulou contra mim uma horda infame que me maltratou e que me feriu?

¿ A república, que consente que se persiga a religião que eu professo, que mandou arrolar os bens da minha igreja sem respeito pelos que lhe foram doados por particulares, que manda pôr na rua o meu pároco só porque ele não cometeu um acto que repugnava à sua consciência de padre católico, que não consente que nós façamos as nossas festividades e as nossas procissões, que se intrometeu nas nossas irmandades e nos proíbe de cumprirmos varios legados, aquela, enfim, que dizendo separar-se de nós nos acorrentou a si tolhendo-nos os movimentos? ¿ E é ela que quer que eu contribua para a defesa nacional, quando ela tem feito tudo o que tem querido sem de mim se importar para coisa alguma?

Por enquanto para nada contribuirei.

Tenho também um lugar no grande concerto da vida do meu país.

Dele me arredaram os ambiciosos e portanto que se governem, como se tem governado até agora, e quando eu um dia for chamado ao lugar que me compete, quando as minhas regalias e os meus direitos forem garantidos e respeitados, quando a república, enfim, tomar para si o que é seu e me der a mim o que me pertence, eu não só contribuirei para a defesa nacional da melhor vontade, mas farei quanto em minhas forças caiba para o progresso e engrandecimento do meu país.

Que se há de retorquir a isto?

E' esta, pouco mais ou menos, a resposta que a comissão vai ouvir de muitas bocas, quando não receber como oferta uma insignificância mais acabrunhadora do que uma recusa.

A experiência assim o tem demonstrado.

Todas as subscrições que se tem feito não tem sido bem acolhidas pelo povo, nem o serão nunca enquanto se não fizer o essencial, que é chamá-lo à vida da nação por meio da urna, dando-lhe, a par disso, a liberdade a que tem direito e as garantias que a lei lhe confere, expurgando da legislação vigente tudo quanto seja atentatório dessa liberdade e dessas garantias e fazendo entrar na ordem os elementos perturbadores da paz e da disciplina da sociedade.

Se o exército reconhece a necessidade da defesa nacional, também deve reconhecer que é urgente que isto se faça.

E o exército pode e deve fazê-lo, porque assim honra as nobres tradições que lhe legaram

tantos heróis de que a história nos fala.

Ex.^{mo} Sr.

Espraiei-me demasiado em considerações sem primor e nem sei mesmo se me terei excedido nas palavras que deixo escritas, porque até agora não falou o homem, mas o coração do português que ama em excesso a sua querida pátria, o povo, a ponto de por uma e outro se sacrificar, e creio que assim falará também a maioria do povo deste concelho cujo sentir julgo interpretar.

De nada servirá à illustre comissão de senhores oficiais o humilde concurso que a Empresa deste jornal me incumbiu de prestar-lhe, porque, nem a minha nula individualidade nem os meus recursos jornalísticos, que não são nenhuns, possuem predicados que os recomendem e que pesem no ânimo do povo.

Não imagine, porém, V. Ex.^a e a illustre comissão que pretendo furtar-me ao encargo que recebi, antes me coloco à inteira disposição dela para tudo o que seja necessário.

Afim de me poder orientar sobre o caminho que tenho a seguir, rogo a V. Ex.^a a finesa de me dizer quem são os senhores oficiais que constituem a comissão.

Tomando a liberdade de me reservar o direito de publicar este officio, aqui consigno a V. Ex.^a e à illustre comissão os meus mais ardentes desejos de

Saude e Fraternidade.
Guimarães, 20 de Novembro de 1912.
Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Comandante do regimento de infantaria n.^o 20, etc.

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços baratíssimos.

Que vergonha!!!

Fala o sr. Teófilo Braga ao «Século»:

«— Nunca um empréstimo. O que devemos é reduzir as despesas ao mínimo. Mas, para lhe falar com franqueza, continúa o sr. dr. Teófilo Braga, deixe-me dizer-lhe que também o equilíbrio orçamental me parece impossível de conseguir por falta de aptidão de quantos tem a seu cargo as finanças públicas. Ninguém sabe nada. Por todo aquele ministério das finanças não há um único financeiro».

«Sabe o que devíamos fazer, dada a incompetência provada dos nacionais? Devíamos mandar vir do estrangeiro um contabilista, que

sem tibiezas e embora tivessemos de lhe pagar muito bem fizesse a escrita dos dinheiros públicos nos últimos dez anos».

Isto escreve-se!

«Sim, isto escreve-se porque lá vem no «Século» com todas as letras!

«Que tristeza causam aquelas palavras proferidas pelo homem que a infelicidade deste país elevou a primeiro presidente da república!

«E que vergonha devem sentir os homens da aristocrática república que nos governa ao lerem aquilo!

«Um guarda-livros na importante casa comercial Portugal & C.^{ta}!

«Então que é feito das grandes capacidades, dos super-homens da república, que os profetas dos comícios elevaram aos carrapitos da lua?

«E se essas capacidades e esses super-homens falharam por completo, porque se não procura entre os antigos homens de estado quem seja capaz de endireitar a meada da administração financeira, se nós, felizmente, possuímos esses homens e não precisamos de os importar do estrangeiro?

O sr. Teófilo reconhece que os homens desta república já demonstraram exuberantemente a sua falência em assuntos de administração, mas continúa na sua.

Isto é nosso e só nosso e os outros que cavem batatas. Antes importar do estrangeiro, antes essa suprema vergonha, do que ligarmos a menor importância aos antigos servidores do seu país que, segundo o regimen de então, tam bem serviram a monarquia.

Que tristeza!

E que vergonha!!!

Ah! sr. Teófilo, sr. Teófilo!

Oxalá se não realize o seu desejo de forma mais dura e mais deprimente para esta república... porque, segundo as palavras do sr. ministro do Fomento, o estrangeiro espregueira-nos e, ao menor movimento, intervirá!

O BENJAMIM, ao Touroal 105, é correspondente das 7 importantes fábricas de Bicycletas das seguintes marcas: *Derby, Spring, Peugeot, Raleigh, Tagus, Sirius e Xirmer-Dura* que vende desde **22\$000, 35\$000, 40\$000 e 50\$000**, postas nesta cidade sem mais despesas.

Prêsos políticos

MAIS UMA

... Director.

E' com o máximo empenho que peço a V. a publicação destas linhas no seu... jornal.

Estando prestes a responder no tribunal marcial de Braga, e como vivo única e exclusivamente do meu trabalho porque não tenho outros recursos, pedi à minha família para me arranjar um atestado afirmativo do que em verdade desejava justificar no tribunal no dia do meu julgamento.

Indo, porém, meu pai, António Joaquim Leite, morador na freguesia de S. Cristóvão de Abação, pedir esse atestado ao sr. José Duarte Guimarães, presidente da comissão paroquial da dita freguesia, este presidente respondeu-lhe que não passava o atestado sem reunir a Junta para deliberar.

«Ora sendo o sr. José Duarte presidente, seu pai António Duarte e seu irmão Avelino Duarte vogais, sendo outro vogal João Amaro, caseiro e jornalista diário em sua casa que em público diz que se o sr. Duarte entrar pelo

inferno dentro vai atrás dele e ficando apenas um vogal de fora, como hei de eu arranjar o atestado se o presidente tem a junta de casa por sua conta e risco?

Tem graça esta junta criada entre os matos de Aباção!

Também só um patriota como o sr. José Duarte é que podia assim organizar uma Junta com três pessoas da sua casa.

Este sr. procura todos os pontos para se vingar de mim, e depois ainda tenta cegar os olhos ao povo em uma carta enviada a um semanário que nessa cidade se publica às quintas-feiras, dizendo que nenhum sentimento de ódio o anima contra mim!

Quería este presidente, com uma Junta toda de casa, que meu pai, por ter uma modesta casa onde vive, fôsse responsável pelos actos dum filho que conta 28 anos!...

Se queria que elle pagasse ou ficasse sem a casa, fizesse o conspirador como me fez a mim.

Pela publicação destas linhas, etc...

Braga, presidio de S. Bernabé, 13 de Novembro de 1912.

(a) Francisco José Leite.

Tem chovido cá para casa cartas com pedidos, com queixas, com recriminações contra vários individuos, às quais não temos dado publicidade porque não nos sobra o espaço e porque não queremos que nos acusem de explorarmos a *intriga e a insidia má*.

Esta, porém, não podemos deixar de a publicar porque é um brado de justiça dum prisioneiro que reclama um documento que a comissão paroquial tem obrigação de passar-lhe visto que elle vive exclusivamente do seu trabalho.

Mas não admira.

A fraternidade deles é assim. O sr. José Duarte, pelo visto, é um grande felizardo que tendo a comissão paroquial de casa tem a freguesia fechada na dextra fazendo o que lhe apetece e vingando-se de quem se não vergar à sua vontade.

Sofra, sr. Leite, e resigne-se. Isto por cá anda tudo à matroca.

O sr. Duarte é da côr democrática e isto de democráticos cá na terra anda tudo, com raríssimas excepções, avariado como a cabeça do seu chefe S. I. D. Separado I.

Não é só pela sua freguesia que isso acontece.

Por cá também tem havido coisas com pilhas de graça.

Ainda há dias um individuo nosso conhecido precisou de um atestado, ou coisa que o valha, da comissão paroquial, declarando que já não exercia certo comércio, e foi ter com o venerável presidente, que é aquele que em documentos vários tem estampado o seu nome *pelas comissões paroquiais de Guimarães*, a quem formulou o seu pedido e este poz-se a cofiar a encaracolada pera que lhe adorna o queixo, e mostrou-lhe trinta mil dificuldades, quando outro nada vaidoso e muito mais republicano, nada arranjista e muito mais sério não encontrou dificuldade alguma e arranjou-lhe tudo com duas penas-das.

¿E sabe porque é que o venerável presidente assim fez?

Porque o petiçãoário não se descobria quando elle passava.

Eles são assim.

Estão cheios de *froternidade* e de *igaurdade* até às pontas dos cabelos.

Comprai os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

ALGUNS E MUITOS

O sr. Alfredo Guimarães, que é um *alho* (dos do S. João) em tudo quanto mete o seu bedelho e que, quando lhe dá na veneta para *deitar espiche*, desata para aí a escrever por uma pá velha que nem o diabo tem mão nele, *bota* desta vez fundo na jacobina *Alvorada* e, entre outras lindas coisas, despede cá para fora do seu *autorizadissimo* bestunto este encantador naquinho:

«—porque, não sendo possível, pela doutrina do art.º 1.º da Lei da Separação, o Estado estar a pagar o culto de *alguns* com o dinheiro de *muitos* que o não querem, só organisando as *culturais*—quer dizer: pagando o culto à sua custa—o mesmo Estado pode permitir que em cada localidade o culto esteja estabelecido:

¿Ora aqui é que a porca torce o rabo!...

Quem torceu o rabo não foi a porca, mas o sr. Alfredo Guimarães, e ainda mais o torcerá se nos quiser responder às duas seguintes inocentes perguntas:

¿Na sua qualidade de empregado do ministério da Justiça e defensor acérrimo da leishinha do patrão, já viu alguém reclamar do Estado que pague o culto Católico?

¿Na sua *agudeza* de vistas em matéria religiosa, quantos são os *alguns* que querem o culto e os *muitos* que o não querem?

¿O sr. Alfredo Guimarães é um *alho*, lá isso é!

Quando lhe dá para escrever mete os pés pelas mãos e as mãos pelos pés e faz sempre obra *asseiada*.

O que nos vale, para suprema consolação depois destas coisas todas, é que vozes... como as dele... não chegam ao céu.

Por Vizela

Dizem-nos daquela ridente povoação que o actual arrendatário da residência paroquial de S. Miguel, se arvorou em sineiro da freguesia, tocando às *ave-marias* às horas respectivas.

¿A falta doutro serviço mais rendoso e para entreter deve ser bom... dar ao badalo.

O nosso Zé Correia sempre tem cada uma!...

Então badaleiro, hein?!...

Podia dar-lhe para pior, e em face de tal informação, só temos que felicitar o povo de S. Miguel das Caldas pelo simpático e talentoso sacristão *gratuites* que a sua boa estrela lhe deparou.

Análises de urinas, escarros, pus, sangue, vinhos, vinagres, azeites, queijo e manteiga, etc.

Laboratório de análises, junto á farmácia Dias Machado GUIMARÃES

Era de esperar

Como a Academia Vimaranesse resolvesse pôr de parte este ano as festas de S. Nicolau, substituindo-as por uma recita de gala no 1.º de Dezembro que será o início da criação de uma Caixa Filantrópica, para cujo fim reverte o produto, os estudantes da nossa terra que frequentam os estabelecimentos de ensino no Pôrto, temendo que acabasse a *posse*, tomaram a iniciativa de as realizar e parece-nos que tratam de levar isso a cabo.

A «Alvorada» não gosta que os rapazes façam erigir mais uma vez o clássico pinheiro com a Minerva, muito bem empoleirada, lá em cima, e façam reviver o que, se muito tem de velho, também alguma coisa tem de típico, e chama-lhe, à festa é claro, «carnaval nicolino» e festança arcaica.

Assim será, mas o que este ano é festança arcaica e «carnaval nicolino» já o era também há uns anos atrás; e parece-nos que há bem poucos, uns dois ou três, ainda o director da «Alvora» assim não pensava, pois não só contribuiu em grande parte com os seus serviços para as festas de S. Nicolau, mas até quis que os rapazes, os demónicos dos rapazes, lhe representassem a sua peça teatral.

Os dianhos dos rapazes é que não estiveram pelos ajustes e rejeitaram-na e daí toda a embirração.

Deixe a «Alvorada» os rapazes porque sempre lucrrou com a rejeição da peça.

Se elles a tivessem levado à scena teria assistido ao seu entêro; assim ainda vai ter o supremo gosto de a ver representar no dia 28.

O que são as coisas! Se a «Alvorada» vivesse há dois ou três anos as festas seriam simpáticas; e se os rapazes levassem a peça seriam maravilhosas...

Hoje é «carnaval nicolino» e festa arcaica.

O que são as coisas e o que fez a peça e mais o resto!...

Mais coerência, pelo menos!

Teatro D. Afonso Henriques

Realiza-se no dia 30 do corrente um espectáculo promovido pelos Estudantes Vimaraneses que frequentam os liceus do Pôrto, de acordo com os *Estudantes aposentados* que levam a efeito as Festas Nicolinas.

Lutuosa

Duas linhas vamos dedicar a um morto illustre que, se o não era nas qualidades exteriores que é preciso existirem nestes tempos de *ilustração completa* em todo o individuo que queira ser chamado illustre, era-o pelas excelentes virtudes que adornavam o seu modesto carácter, pelos seus preciosos dotes de coração e pela sua modelar honradez.

Choramos hoje, com sentida máguia, a perda de um grande amigo que tínhamos no saudoso finado António José da Silva Guimarães (Anacleto), cuja morte, produzida pelos estragos de uma pertinaz enfermidade, causou dolorosa impressão em todas as pessoas que de perto o conheciam.

O nosso desditoso amigo faleceu no dia 13 do corrente, resando-se no dia 15 os responsos de sepultura, que foram largamente concorridos, na igreja de S. Francisco.

Entre a assistência lembra-nos ter visto os srs.: Bernardino José Ferreira Cardoso Guimarães, Domingos José Pires, Francisco Joaquim de Freitas, Manuel Joaquim de Oliveira Bastos, António Augusto Carneiro, Joaquim Patricio Saraiva, Luis Cardoso de Menezes (Margaride), Roberto Victor Germano, Egidio Alvaro Marques, António de Araujo Salgado, Camilo Laranjeiro dos Reis, José Martinho Fernandes e muitos outros cujos nomes nos não ocorrem.

Sobre o ataúde foram depostas três coroas, sendo uma de seus irmãos, outra das costureiras de sua irmã, D. Francisca, com quem vivia e outra do seu amigo Francisco Alves Basílio e um *bouquet* de suas sobrinhas Engrácia e Emilia.

O funeral e decoração do templo a crepes esteve a cargo do acreditado armador Joaquim da Silva Eugénio.

Ao chorado morto as lágrimas da nossa saudade e à família o nosso sentido pesar.

A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas acessórios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a pês, panos para enxovais, guarda-sóis, etc., é a LOJA DO BENJAMIM—Teural, 105.

Teatro Gil Vicente

Hoje a opereta em 3 actos, ornada com 21 números de música, **Os dragões de Chaves.**

Éditos de 30 dias

(1.ª Publicação)

Pelo Juizo de direito da comarca de Guimarães e cartório do escrivão abaixo assinado, a requerimento da firma comercial Sousa Júnior, Sucessor, da cidade de Guimarães, correm éditos de trinta dias, contados da última publicação do presente anúncio, citando os executados Cecília de Castro Guimarães e seus filhos Helena Baptista Guimarães, Herminia Baptista Guimarães e Cresio Baptista Guimarães, a primeira também como representante dos ditos seus filhos, se forem menores, todos ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, para nos cinco dias posteriores ao prazo dos éditos pagarem à firma exequente a quantia de 137\$260 réis, de capital, juros e custas liquidadas na acção por dívida de letra que contra os mesmos ausentes e outro, moveu a dita firma, e bem assim os juros, custas e mais despesas que se fizerem até real entrega, ou nomearem à penhora bens suficientes para esse pagamento, sob pena de se devolver à exequente o direito de nomeação e proseguir-se nos termos regulares da execução.

Guimarães, 18 de Novembro de 1912.

O escrivão do comércio,

João Joaquim de Oliveira Bastos. Verifiquei.

P. de Rezende.

Regimento de Infantaria n.º 20

ANÚNCIO

SEGUNDA PRAÇA

O conselho administrativo deste regimento faz público que no dia 29 do mês de Novembro corrente, pelas 12 horas, na sala das suas sessões, se há de proceder à arrematação em hasta pública (segunda praça) para o fornecimento de géneros e combustível para a confeção dos ranchos do regimento e das dietas do hospi-

tal militar desta cidade, desde 1 de Dezembro de 1912 a 30 de Novembro de 1913.

As propostas, organizadas conforme o modelo junto ao caderno de encargos, serão entregues, em envólucro fechado e lacrado, no conselho administrativo, até à hora anunciada para a arrematação, acompanhadas da quantia de réis 30\$000, como caução provisória.

A caução definitiva será de 5% do valor calculado do fornecimento.

As respectivas condições e o caderno de encargos, do qual constam os géneros a fornecer, acham-se patentes neste conselho administrativo em todos os dias úteis, desde as 11 às 15 horas.

Quartel em Guimarães, 15 de Novembro de 1912.

O secretário do conselho administrativo,

Jácome Maria Oom do Vale.

Tenente de infantaria 20.

Interesses no Brasil

O **Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro**—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertencas. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.

GUIMARÃES

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colegio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MÁQUINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FÁBRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MÁQUINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MÁQUINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAM-
ENTOS
NEM
MECANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGHEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	
f. Ano	1\$200 rs.
f. Semestre	600 "
Pelo correio	
f. Ano	1\$300 "
f. Semestre	650 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$600 "
Países da União Postal	2\$000 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetições, por linha 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Reclamos, no corpo do jornal, até
5 linhas cada um 100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 24

Ex. mo Sr.